

Bancos não repassam ao consumidor queda dos juros básicos, diz Procon

Cheque especial tem taxa média de 8,21% e crédito pessoal, de 5,37%

Ronaldo D'Ercole

• SÃO PAULO. Os bancos vêm ignorando os sucessivos cortes na taxa básica de juros da economia (Selic), mantendo praticamente inalterados os juros que cobram dos clientes nas operações de crédito. É o que mostra pesquisa da Fundação Procon de Pão Paulo (Procon-SP) divulgada ontem. Realizada no dia 3 deste mês, a sondagem envolveu dez grandes bancos e revela que a maioria deles resiste a reduzir as taxas das operações de crédito pessoal e do cheque especial.

No crédito pessoal, a taxa média nos bancos pesquisados ficou em 5,37% ao mês (87,39% ao ano), contra 5,38% em março. O pequeno decréscimo deveu-se ao fato de uma única instituição, o HSBC, ter cortado o juro dessa linha de crédito de 4,87% para 4,84%, menos 0,03 ponto percentual. Segundo o Procon-SP, a menor taxa para o empréstimo pessoal era a do banco Nossa Caixa (4,25% ao mês), e a maior, do Itaú (5,95%).

No cheque especial, a taxa média, que em março era de 8,21% ao mês (157,7% ao ano), não se alterou. Embora o Bradesco tenha feito uma redução de 8,23% para 8,17% ao mês nessa linha, e o Banco do Brasil, de 7,99% para

7,95% mensais, a média não mudou porque o HSBC elevou a sua taxa em 0,1 ponto percentual, de 8,37% para 8,47% ao mês.

No cheque especial, o Santander e o Itaú são os campeões dos juros altos, com 8,5% ao mês. A menor taxa é a da Caixa Econômica Federal, de 7,2% mensais.

“No caso do cheque espe-

cial, embora tenham ocorrido alterações, as quedas foram compensadas pela única alta verificada, mantendo-se a taxa média inalterada”, comenta o Procon-SP em seu relatório.

A instituição explica ainda no documento que as taxas coletadas referem-se às “máximas prefixadas para clientes não preferenciais” dos bancos pesquisados.

O Procon-SP lembra que em março o Comitê de Política Monetária (Copom) reduziu em 0,75 ponto percentual a Taxa Selic, de 17,25% para 16,5% ao ano, para concluir ao fim do estudo:

“As reduções da Taxa Selic continuam não sendo repassadas proporcionalmente para as taxas de operações de crédito ao consumidor”. ■

Carioca troca dívida cara por barata

Pesquisa da Fecomércio-RJ mostra melhor uso do crédito

Patrícia Eloy

• Com as dívidas nas alturas, os consumidores decidiram lançar mão do crédito mais barato ainda farto para reduzir o pagamento de juros e multa de empréstimos mais caros. Essa é a conclusão de um levantamento feito pelo Instituto Fecomércio-RJ com 3.160 famílias da Região Metropolitana do Rio nas duas últimas semanas de março. No período, 18,5% das famílias que tinham algum financiamento usaram os recursos para saldar contas em atraso e quitar empréstimos anteriores. É uma troca de dívida mais alta do passado por taxas que vêm acompanhando a queda dos juros básicos, a Selic, que recuam desde setembro do ano passado. Em março de 2005, o percentual era de apenas 9,2% das famílias. Em janeiro deste ano, não passava de 15%.

— Foi o maior aumento em todas as mo-

dalidades de financiamento. O segundo maior foi o do crédito imobiliário, que subiu de 5,5% em março de 2005 para 7,8% no mês passado. Todas as faixas de renda passaram a administrar melhor suas dívidas, o que é tranquilizador após o aumento do endividamento nos meses anteriores — diz Clarice Messer, diretora do Instituto Fecomércio-RJ.

A pesquisa também mostrou que o percentual de famílias com financiamentos aumentou: de 44,6% em março de 2005 para 45,8% mês passado. Em fevereiro deste ano, o percentual era de 42,9%. Segundo Clarice, a inflação em queda — especialmente nos itens alimentos, higiene pessoal e limpeza, que pesam mais de 30% no orçamento das famílias com até dois salários-mínimos — e o recuo dos juros geraram uma sobra no orçamento que permitiu a melhor administração dos recursos.